



Obituário

Jorge Gonçalves Sampaio

1951 - 2003

*“Qualquer dia, amigo,
eu volto a te encontrar.
Qualquer dia, amigo, a
gente vai se encontrar.”*

Milton Nascimento

No último dia do mês de agosto, a morte trancou-se com Jorge Sampaio no quarto onde foi achado e saiu de seu peito para matá-lo. Tinha um coração enorme, causado pela permanente pressão alta. Levava a morte no peito e não sabia. O alfange de Omulú ceifou sua alma, e a levou para as savanas da África, ou para os campos floridos do Senhor Todo Poderoso. Como disse um dos nossos filhos: onde quer que esteja, certamente os jardins nunca mais serão os mesmos. Haverá muito mais flores e maior beleza.

Uma semana antes, passamos alguns dias em Teresópolis descansando. Comigo estavam Osmar Judice e José Alberto Lhamas. Era a despedida e não sabíamos. Continuava alegre e brincalhão, como era de seu feitio. No último domingo que passamos juntos, confessou estar atravessando um dos melhores momentos da vida dele e pressentiu a morte.



Era impossível não pensar na frase de Jorge Amado, “O Brasil tem uma única verdadeira riqueza: o talento dos mestiços”, quando Jorge Sampaio trabalhava, liderava ou simplesmente agitava o ambiente onde estivesse. Era uma pilha de energia com forma de gente. Uma disposição para o trabalho, como poucas vezes encontrei igual. Uma arguta inteligência para as coisas práticas e objetivas.

Todavia, esse homem que mal sabia ler e escrever, sem nenhum sangue ou raiz européia, que não completara o primário, era dotado de enorme sentido de ética e de uma seriedade incomum. Mais. Tinha uma grande sensibilidade para a beleza das flores, da vida, do mundo e do sofrimento alheio, além de um requintado modo de ser, que o fazia comensal de nossas refeições e amigo de todos os nossos amigos. Entre os colegas de nossos filhos, ficou lendário.

Sua estória conta-se em poucas palavras. Menino de rua quando a mãe suicidou-se e o pai foi preso, soube aos doze anos o quanto era endurecido o coração



e surdos os ouvidos humanos. Nenhum dos seus seis tios ou tias o ajudou. Dormia na Rodoviária. A família que ele adotou foi a nossa, depois de alguns anos de convívio inicialmente desconfiado, a partir de 1972. Sabia que ali era admirado e querido e rejeitava qualquer contato com os parentes. Sabia também ser um temperamento incompatível com o casamento, que jamais abraçou. Tinha predileção por “casos” e “gambiaras”.

Meu pai e meus filhos, em companhia de Osmar Judice, Lineu Robert, Sebastião Nagase, Sumiô Nakashima, Fred Shull, Fernando Parga “o caçulinha”, foram alguns dos que privaram de deliciosos passeios nas matas de Teresópolis, na década de setenta, tendo o Jorge por companhia. Tempos dourados e inesquecíveis que não voltam mais.

A alma do homem espirituoso e “causeur”, não podia deixar de estar mesclada com outras manifestações de seu forte temperamento. Acertou um abacate na cabeça de uma caseira que o chateou além da conta. Quebrou a cabeça (com um taco de snooker) de um contendor que espalhara um boato desonroso sobre ele na sala de bilhar. Quase manda pelos ares a cabeça de um vizinho, que o provocou durante anos. Jogou uma namorada de cima da ponte, dentro de um rio.

Era porém no campo das orquidáceas, que se superava. Sen-



Lc. Jorge Sampaio. Criação, registro e foto Álvaro Pessôa. Cultivo Jorge Sampaio.

do imune a pessoas falsas e aos invejosos de todos os matizes, gêneros, espécies e famílias, odiava exposições de orquídeas em geral. “Alí, ninguém é amigo de ninguém”, fumegava. Entretanto, era capaz de trabalhar diariamente doze horas seguidas em replante de orquídeas. Em julho replantou 30.000 miltoniopsis adultos em 20 dias! Sua maior alegria era ver seu trabalho reconhecido por nossos visitantes. Era capaz de cultivar bem e fazer florir, Miltoniopsis na bancada debaixo, junto com Ascocendas na de cima. Tudo debaixo do mesmo teto.

Algumas pessoas não morrem. Ficam encantadas. Era o caso dele. “O Senhor deu e o Senhor retomou. Bendito seja sempre o nome do Senhor”.

Cecília e Álvaro Pessôa